

ALFABETIZAÇÃO: níveis da escrita de acordo com Emília Ferreiro

Iris Aparecida Maximiano de Carvalho¹
Humberta Gomes Machado Porto²

RESUMO

Este trabalho aborda os níveis da escrita de acordo com Emília Ferreiro. Tal abordagem se faz necessária pois a escrita tem suma relevância na formação do aluno, pode-se afirmar que ela é o ingresso para a cultura, o saber tecnológico e científico. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi analisar a teoria de Emília Ferreiro sobre o processo de leitura e escrita, identificar as contribuições de Emília Ferreiro para a alfabetização, e, em especial, investigou o processo de aquisição da escrita baseado nos quatro níveis de hipótese: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética, conforme a teoria da referida autora. Este intento foi alcançado através da revisão bibliográfica, que se sucedeu em um levantamento de importantes obras publicadas que direcionou o trabalho científico. Essa pesquisa comprovou que os estudos de Emília Ferreiro representam expressiva contribuição para compreender o processo de aquisição da leitura e escrita, pelo qual as crianças passam.

Palavras-chave: Alfabetização. Psicogênese da Língua Escrita. Emília Ferreiro.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata sobre a alfabetização, mais especificamente acerca da aquisição da escrita segundo a teoria de Emília Ferreiro e teve como ponto de partida, responder a seguinte questão: quais são os níveis da escrita segundo Emília Ferreiro? Esse intento foi conseguido mediante a pesquisa bibliográfica que é uma das metodologias mais utilizadas pelos discentes,

¹ Iris Aparecida Maximiano de Carvalho, aluna do curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas. E-mail: Iris.carvalho@alunos.unis.edu.br

²** M^a Humberta Gomes Machado Porto, professora do Centro Universitário do Sul de Minas. E-mail: Humberta.porto@professor.unis.edu.br

sendo fundamental em todos os trabalhos acadêmicos. Vale ressaltar que para Miotto e Lima (2007), a pesquisa bibliográfica subentende em uma soma ordenada de estratégias que procura por explicações, atenta à ênfase da investigação, e que justamente, por essa razão, não pode ser incerta.

O entusiasmo por essa temática aflorou ao realizar o estágio em uma instituição da rede privada de ensino, cujas turmas estavam em fase de alfabetização. E por atualmente fazer parte de um projeto de alfabetização da rede pública de ensino.

É de solene importância salientar, que a alfabetização é um sustentáculo basilar no decorrer da vida, para a formação integral dos alunos. A alfabetização com qualidade é um direito de todos. Consequentemente, por isso, o art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), passa a vigorar acrescido do seguinte inciso XI:

Alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos. (BRASIL, 1996, p. 6).

Deste modo, quando essa lei não é praticada, sucede que os cidadãos ficam à margem do corpo social, possuem menos oportunidades profissionais e pessoais e não têm acesso aos seus direitos. Sendo assim, o analfabetismo afasta uma parte da sociedade de alcance às informações mais básicas.

Portanto, a alfabetização é extremamente significativa para propiciar independência e autonomia para os alunos, além de ser um objeto de uso social. Vale acentuar, que a alfabetização não se restringe meramente ao ato de desenvolver a leitura e a escrita, mas também, na evolução da habilidade de compreensão, interpretação e construção de conhecimento.

2 EMÍLIA FERREIRO: divisor de águas na alfabetização

Comovida com o cenário de fracasso escolar no ciclo de alfabetização dos alunos da América Latina (onde os índices de analfabetismo chegavam a níveis político e socialmente inadmissíveis), a psicolinguista Emília Ferreiro causou grande impacto ao divulgar a sua análise sobre o processo de alfabetização. Vale pautar que seu trabalho com a Ana Teberosky em Buenos Aires entre os anos de 1974 a 1976, resultou na publicação da sua mais importante obra: “Psicogênese da língua escrita,” que trata de como a criança constrói diferentes hipóteses acerca do sistema de escrita, antes de se apossar-se do mesmo. A obra apresenta os processos de

aprendizado da criança, esse experimento colocou em questão os métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita.

Vale pontuar que, antes da publicação da obra de Emília Ferreiro e Ana Teberosky as discussões em torno da alfabetização eram apenas canalizadas na avaliação de métodos de ensino e tinham a ideia que existiam pré-requisitos para aprender a ler, sendo os tais, um conjunto de habilidades perceptuais, uma “prontidão para alfabetização”. Nesse contexto, vale acentuar também o pensamento de Soares (2020) que coloca em questão os métodos de alfabetização como algo que conduz, mas que seguem a mesma percepção, a de que restringe o ato de alfabetização, quando relacionados apenas a codificação e decodificação. Em contramão a esse viés, e em similitude a Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) a psicogênese da língua escrita mudou a visão centralizada da alfabetização do ensino para a aprendizagem, posicionando o aluno como ponto de referência, levando em consideração como o discente realmente aprende e não como ensinar. Demonstrando assim, que é de grande valia uma alfabetização introdutória de característica conceitual. Dessa forma, vale evidenciar:

[...] a mão que escreve e o olho que lê estão sob o comando de um cérebro que pensa sobre a escrita que existe em seu meio social e com a qual toma contato através da sua própria participação em atos que envolvem o ler ou o escrever; em práticas sociais mediadas pela escrita. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.8).

Dessa forma, em analogia a Emília Ferreiro (1999) apesar do processo de alfabetização ser vagaroso e trabalhoso para todas as crianças, é de suma importância e dever da escola proporcionar um ambiente alfabetizador, onde a criança tenha familiaridade com a língua escrita. Nesse viés, é de grande valia que a criança tenha interações com a língua escrita e também que, essa interatividade seja mediada por pessoas hábeis na leitura e na escrita.

Outrossim, fator crucial que merece destaque é sua perspectiva construtivista na alfabetização. Nesse sentido, a psicogênese da língua escrita, leal ao princípio construtivista, busca afirmar o papel do indivíduo na produção desse conhecimento. Portanto, a psicogênese da língua escrita traz:

Essa abertura aponta na direção de uma compreensão cada vez melhor dos processos de aprendizagem dos diferentes conteúdos e indica a possibilidade de construção e aprimoramento de didáticas que, sem distorcer o objeto a ser ensinado, adaptem-se ao percurso do aprendiz. Didáticas que dialoguem com a aprendizagem dos alunos, que reconheçam o conhecimento que eles já possuem, que façam a ponte entre este conhecimento que precisa ser ensinado, garantindo-lhes o direito de aprender. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 9).

Desse modo, foram várias as mudanças nos moldes sobre a alfabetização, Emília Ferreiro foi um verdadeiro marco divisor na história da alfabetização e por consequência, sua teoria merece destaque. Portanto, no próximo tópico, será retratada a teoria de Emília Ferreiro, sobre a psicogênese da língua escrita.

2.1 uma teoria a ser aludida: psicogênese da língua escrita

Permanentemente como discorrido no tópico anterior, a práxis pedagógica foi fundamentada em uma educação tradicional, ou seja, o discente era visto como uma “tábua rasa”, um genuíno receptor de conteúdo. Nesse sentido, Ferreiro (2001) expõe que tinha uma relutância para validar o ponto de vista do aluno, desconsiderando absolutamente as expressões mais visíveis das tentativas da criança para entender o sistema de escrita, ou seja, as construções das próprias crianças.

Em contramão a essa lógica onde o aluno não era protagonista, vale destacar o pensamento de Ferreiro e Teberosky (1999), não encontramos crianças passivas nas escolas esperando que os adultos demonstrem tudo que tem que fazer. Mas sim, crianças que pensam, capazes de edificar o saber e "criar pressupostos", e assim executar sua escrita gráfica, com base no estudo e na compreensão feita por si mesma, não sendo simplesmente uma fotocópia distorcida do padrão adulto, mas uma criação inicial própria.

Desse modo, vale pontuar uma explicação sobre a manifestação de “erro” que a criança comete, segundo Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam o que costumava parecer uma “falta de saber” agora se tornou uma das evidências mais significativas do surpreendente nível de conhecimento que uma criança possui sobre sua língua materna. No momento atual, tornou-se possível compreender esse “erro” como algo prolífero, com avanços e recuos. Melhor dizendo, a criança cria sua própria lógica na escrita para que possa atingir a escrita convencional, em um grau de raciocínio bem mais eficaz do que o protótipo escolar. Mas costumeiramente, nesses episódios, o docente por não conhecer ou não ter uma congruência boa o suficiente acaba rompendo a concepção do discente e tende por censurar a criança desse “erro”, para que ela possa encobrir sua própria inexperiência.

Assim, por conseguinte, a análise de Ferreiro e Teberosky (1999) sobre o sistema de desenvolvimento da escrita afirma que, quando acolhemos os alunos, não podemos supor que eles

não sabem nada de sua língua materna. Não se refere a um conhecimento que o indivíduo não detém fora dessa ação de transmissão, mas de induzi-lo a tornar consciência de um conhecimento que já dispõe, portanto sem ter consciência do mesmo

A psicogênese da língua escrita alude que a alfabetização não é uma ação que se inicia do "zero", pois o indivíduo, já detém uma percepção do sistema de escrita e já desempenha uma diferenciação verbal, mesmo impensadamente. Sendo assim, a conduta neste caso, é provocar com que a criança compreenda essa aptidão que já apresenta e não inserir “tudo novo”.

Seguindo neste aspecto, em analogia a Ferreiro e Teberosky (1999) as crianças são espontaneamente alfabetizadas a partir do momento que elas descobrem através do contexto sociais operantes, que a escrita é algo imprescindível que requer empenho intelectual, como os demais objetos que envolvem. Sendo assim, a leitura e a escrita são edificações de representações que possuem uma função social e que se perfazem no uso social, não apenas processo de codificação escolar, mas algo com um valor cultural.

2.2 Níveis da escrita

Para isso, Ferreiro e Teberosky (1999) introduzem quatro níveis de hipóteses de escrita pelos quais as crianças percorrem durante o processo de obtenção da língua escrita. Sendo tais: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética que serão pautados em subtemas neste tópico.

2.2.1 Pré-silábico

O primeiro é titulado como pré-silábico e se fraciona em dois níveis, sendo o primeiro nível aquele em que a criança não associa a fala com a escrita, onde geralmente essa escrita é feita por meio de rabiscos, famosas garatujas. E o segundo nível é aquele que ocorre quando a criança já sabe diferenciar letras de figuras e números. No entanto, tais diferenças ocorrem em determinadas situações. Isto significa, a letra sozinha pode ser indicada como um número (exemplificando, a letra A isolada pode ser classificada como o número 4) e o esclarecimento para essa escolha é que ela não pode ser lida sozinha mesmo pela semelhança entre as duas. Desse modo, Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que a barreira aparece de outra forma, melhor

dizendo, a própria forma gráfica é capaz de ser outra dependendo do contexto inserido. Sendo assim, para as crianças uma única letra não é compreensível, porque não diz nada, as letras têm que estarem em maior qualidade para se tornarem compreensíveis, isso que torna as letras diferentes dos números, o contexto. Portanto, um número é suficiente para determinar a quantidade necessária. Contudo, quando se trata de escrever, uma letra isolada não tem significado. Em analogia às autoras mencionadas, quando se refere à escrita, dentro dessa hipótese, as regras vêm da própria criança que estabeleceu. No geral a criança usa seu respectivo nome como parâmetro de letras. De modo adicional, outra característica dessa hipótese é a aceção do número mínimo que uma palavra deve dispor para ser lida. Porque no conceito da criança tal ortografia é, portanto, aceitável com pelo menos três letras, levando em consideração o que as autoras destacam como “intrafigural”. Tendo determinado esse valor mínimo, as crianças tentam solicitar letras diferentes. Esta ação é caracterizada pelo ato intrafigural, em outras palavras, a necessidade de qualidade escrita. À vista disso, não há a possibilidade de uma palavra ser escrita com uma única sequência de letras ou mesmo duas palavras distintas não podem ser escritas da mesma forma.

2.2.2. Silábica

A segunda suposição que a criança atinge é a silábica, que indica a condição em que a criança assimila que a escrita representa a fala, notando que as palavras contêm sons segmentados, passando a identificar a separação das sílabas no momento da fala. “A hipótese silábica é uma construção original da criança que não pode ser imputada à transmissão pelo adulto [...]” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.213). Mesmo assim, essa hipótese também se divide em dois níveis, por um lado, a escrita sem valor sonoro, que acontece quando o estudante usa uma letra para figurar cada sílaba, e essa escolha não precisa ser combinada com um sentido sonoro da palavra. No entanto, no segundo nível sob esta suposição. As crianças usam a mesma prática de escrita para mostrar cada sílaba. Mas com valores sonoros muitas vezes baseados em vogais, o que significa mais na palavra.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a práxis escolar é reforçada pelo pensamento de que palavras como “mamãe e papai” são mais fáceis de interpretar pelas crianças e devem ser abordadas primeiro. No entanto, o que a psicogênese mostra é exatamente o contrário dessa ideia,

visto que ao obter uma palavra com a mesma letra, repetida ou com poucas letras (levando em conta a lógica intrafigurativa adotada pela criança é possível perceber que esse processo se torna difícil à criança, porque ele não pergunta sobre essa "instalação" nem se preocupa com isso). “[...]. Essas iniciais são justamente primeiras por serem consideradas simples. Porque estas palavras são curtas e porque são repetições gráficas. [...]. Fácil para quem? Fáceis desde que ponto de vista, desde qual definição de qualidade?” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.67). As autoras enfatizam precisamente uma análise por essa prática. Porque do ponto de partida da psicogênese, a escrita com pouca e/ou a mesma grafia é classificada como "inadequada" para a leitura das crianças

2.2.3 Silábica Alfabética

A terceira hipótese apresentada por Ferreiro e Teberosky é chamada de silábica alfabética, e ocorre quando a criança percebe que suas palavras escritas estão faltando letras, portanto “[...] A criança abandona a hipótese da sílaba e encontra a necessidade de um número mínimo de letras e uma análise que “transcenda” as sílabas devido aos conflitos entre elas [...]” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.214). Então é o momento de transição entre a hipótese da sílaba e do alfabeto, e às vezes a escrita da criança se configura usando valores sonoros com uma letra por sílaba, outras já coloca o sistema alfabético, utilizando por exemplo, as duas letras de uma sílaba, ou seja, é o que a criança expressa por meio da ortografia tradicional.

2.2.4 Alfabética

A última hipótese proposta por Ferreiro e Teberosky (1999) é uma hipótese alfabética, ou seja, o nível em que os alunos entendem o mecanismo de escrita. Então, o aluno domina realmente que, para cada sílaba, coleta letras que, juntas, formam palavras. No entanto, pode ou não inferir a "ortografia", dessa forma, como Ferreiro e Teberosky (1999) enfatizam, a partir desse momento o estudante lida apenas com os obstáculos ortográficos, mas não terá problemas relacionados à construção da escrita.

Conseqüentemente, os fonemas podem ser reproduzidos corretamente e as letras sílabas, palavras e frases podem ser distinguidas, mas ainda pode haver alguns erros de ortografia. Isso é causado principalmente pelo timbre de cada letra, por exemplo S/SS/, X/CH. Nesse ponto, Ferreiro e Teberosky (1999) frisam a relevância de identificar as necessidades existentes com a escrita e a ortografia, pois quando as crianças chegam a essa hipótese, já entendem que existe um modelo normalizado de escrever, mas também que se algo está escrito “errado”, não prejudicaria a escrita porque ainda se referirá à mesma coisa. Ressaltam que o erro ocorrerá não por não entender escrever, mas por falta de aptidões ortográficas que se desenvolverão com a experiência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo constatou que alfabetizar é edificar conhecimento e os estudos de Emília Ferreiro, sobre a alfabetização viabilizou uma direção virtuosa, favorecendo uma aprendizagem mais significativa aos alunos. Vale retomar que em sua obra "psicogênese da língua escrita", abre possibilidade para uma reflexão na prática pedagógica, sendo assim, algo remodelado, que provoca uma profusa reflexão quanto aos níveis da escrita, na perspectiva da autora aludida. O processo de aquisição da leitura e da escrita, está muito longe de ser algo maquinal, na concepção da criança que aprende. O aluno constrói seu próprio sistema interpretativo, reflete, analisa e cria procurando entender esse artefato social complexo que é a escrita. Essa modificação teórica sobre a alfabetização resulta em transformações profundas na respectiva configuração escolar.

Portanto, os resultados atingidos com os estudos de Emília Ferreiro, propicia captar que o desenvolvimento da alfabetização não provém de simples reprodução de um padrão externo, e sim, de um desenvolvimento onde o aluno se progride cognitivamente até o instante onde ele obtém a capacidade de arquitetar a forma gráfica convencional, passando assim por todos os níveis da escrita, sendo eles, pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético. Dessa forma, a autora referenciada foi um verdadeiro marco divisor nos parâmetros sobre a alfabetização, descentralizando a seguinte questão “como se ensina?”, para “como de fato se aprende?” Isto é, o ensino precisa ser refletido, referindo-se a ensinar em concordância ao discente, levando em consideração em como o mesmo melhor aprende.

Concluímos que a escrita é primordial na vida do ser humano, porque através desse intermédio somos capazes de nos comunicar e também, exteriorizar ao longo de toda nossa vivência. Contudo, este artigo fomentou novos conteúdos a serem pesquisados, como, por exemplo, a escrita nas séries iniciais ou, então, atividades adequadas para cada nível de escrita.

LITERACY: levels of writing according to Emília Ferreiro

ABSTRACT

This work approaches the levels of writing according to Emília Ferreiro. Such an approach is necessary because writing is of paramount importance in the formation of the student. Writing is the gateway to culture, technological and scientific knowledge. Thus, the objective of this study is to know Emília Ferreiro's theory about the process of reading and writing, to identify Emilia Ferreiro's contributions to literacy, and, in particular, to investigate the process of writing acquisition based on four levels of hypothesis.: pre-syllabic, syllabic, syllabic-alphabetic and alphabetic, according to the theory of Emília Ferreiro. This aim will be achieved through the bibliographic review, followed by a survey of important published works that will direct the scientific work. The research found that Emília Ferreiro's studies significantly contribute to understanding the acquisition process of reading and writing, which children go through.

Keywords: *Literacy. Psychogenesis of Written Language. Emilia Ferreira•*

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Casa Civil, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 25 set. 2022.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** Tradução Horácio Gonzales et. al. 24. ed.atual. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIMA, T.C.S de; MIOTO, R.C.T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Katál**, Florianópolis,, v. 10, p. 37-45, 2007.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2020.